

A educação como cultura¹

Rodrigo Ferronato Beatrici*

A obra *A educação como cultura* de Carlos Rodrigues Brandão é um referencial de comprometimento político, pedagógico e, sobretudo, ético com o povo,² na construção de uma sociedade onde não mais exista a contradição social da exploração do homem pelo homem.

Em breves palavras, para elucidar o atributo já valorado a este livro e tecer outros, são apresentadas algumas reflexões feitas por Brandão. A obra é organizada em sete capítulos,³ além da apresentação e da bibliografia. A abertura de cada capítulo e a apresentação são feitas com uma foto que “ilustra” a realidade camponesa e remete o leitor ao conteúdo dos artigos. A linguagem é clara, agradável e coesa. Os textos, embora guardem uma inter-relação entre si, foram escritos em momentos distintos e com finalidades diferentes; por isso, podem ser lidos separadamente.

A categoria cultura é escolhida por Brandão para vincular e problematizar as temáticas para as quais os textos foram elaborados. Nesta edição, publicada dezessete anos após o primeiro lançamento, dois textos foram incluídos e um foi retirado da obra original. Os artigos, bem como a revisão e a inclusão

de referências bibliográficas posteriores à primeira edição, instigam o leitor a compreender os debates sobre cultura e a atualização dessa temática e das reflexões feitas pelo autor. Pela amplitude e profundidade do livro foram destacados dos textos quatro temas prioritários para esta resenha:⁴ cultura, cultura popular, pesquisa participante e olhar o mundo e ver a criança. Objetivamente, procurar-se-á apresentar cada um deles.

Cultura

Para Brandão, o ser humano, diferentemente das demais espécies animais, é um ser obrigado a aprender (p. 16), que precisa criar e recriar o mundo, transformando o ambiente natural e a ele próprio (p. 20). Acaba, assim, se tornando uma forma da natureza

* Educador Popular e acadêmico do mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo. E-mail: roferronato@gmail.com

¹ Resenha baseada em BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Ed. rev. e amp. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

Recebido: 03/09/2009 – Aprovado: 07/10/2009

que se transforma ao aprender a viver (p. 21), que passa da consciência reflexa à consciência reflexiva (p. 19). A diferença entre o “mundo da natureza” e o “mundo da cultura” é que o primeiro antecede o ser humano e o segundo necessita dele para ser criado. Na singularidade humana e na relação dialética entre ser criador da cultura e ser (re)criado por ela destacam-se quatro elementos: a cultura (criação humana), a educação (especificidade humana que se realiza na cultura), o aprender e a “pluralidade” da cultura, resultante da práxis humana, que faz com que existam culturas ao invés de uma única cultura.

Desses quatro elementos não pode faltar uma menção a um aspecto da abordagem conceitual da cultura. Brandão não trata a cultura do ponto de vista de determinismo econômico no conjunto das relações sociais. A respeito, assim se pronuncia: “Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis.” (p. 24).

Cultura popular

Um primeiro aspecto a ser considerado quando se fala de cultura popular é que existem culturas. Assim, “quando falamos de cultura erudita e de cultura popular, de culturas indígenas, de cultura metropolitana [...] estamos dando nomes diferentes a evidentes diferenças de e entre pessoas através de suas culturas”. (p. 25). A cultura popular, conforme Brandão, tem a sua origem nas práticas pedagógicas desenvolvidas por movimen-

tos de cultura popular no início da década 1960, mais precisamente entre 1960 e 1964. Os grupos pertencentes ao movimento de cultura popular tinham como objetivo transformar a cultura do povo, por meio da prática da cultura popular, em uma cultura popular (p. 32), ou seja, “*uma cultura de classe: consciente, crítica, politicamente mobilizadora, capaz de transformar tanto os símbolos com que se representa e ao seu mundo, quanto a sua própria dura realidade material*”. (p. 32 - grifos do autor).

As experiências de trabalho popular empreendidas nesse período no seu fazer e pensar a cultura popular trouxeram várias contribuições, entre as quais se pode destacar a transformação da neutralidade da palavra cultura em uma categoria ideológica e política (p. 33). Isso rompeu com uma visão romântica que concebe a cultura popular como sinônimo de folclore. Por sua vez, passou a identificar o trabalho político de conscientização e organização dos trabalhadores. Nessa mesma perspectiva, a interpretação dialética da cultura realizada por estes grupos deu vida à cultura, isto é, colocou-a em movimento. No bojo desse movimento a categoria contradições ganha um importante espaço enquanto revelador das relações e conflitos de classes. Os documentos dos anos 1960 pesquisados pelo autor revelaram que “a cultura é histórica, no sentido que a atividade humana que *cria* a história é aquela que *faz* a cultura”. (p. 39 - grifos do autor).

Neste campo popular a ação e a teoria buscavam ser libertadoras e era necessária uma educação que ajudasse a construir o projeto alternativo que não

fosse opressor e, mesmo sendo com e dos oprimidos, deveria levá-los a romper com essa contradição. Como mediar o trabalho de base feito pelos integrantes de grupos e pelos movimentos de cultura popular com o povo? Como trabalhar com o povo? Brandão (p. 35), ao propor uma reflexão antropológica sobre os processos e estruturas populares de reprodução do saber, diz que no cruzamento “entre uma *cultura do povo*, e uma *cultura popular*, é possível ocorrer a passagem de uma correspondente *educação do povo* para uma *educação de classe*”. (grifos do autor).

Embora já merecesse ser dito, mesmo que subjacente, os opostos identificados nos parágrafos anteriores são resultantes de uma leitura de realidade que compreende a sociedade dividida em classes sociais. Assim, existem no Brasil uma cultura dominante e uma cultura dominada. Entretanto, ambas são reflexas, porque ocultam as contradições sociais, mesmo considerando o seu tempo e seu modo (p. 48). No entanto, a cultura na perspectiva aqui assumida também pode ser “pensada e realizada para criar e fortalecer a libertação das estruturas”. (p. 49). Sobre esta abordagem, por vezes reduzida, é preciso ter cuidado. Nas palavras de Brandão: a cultura era ideologizada, ou seja, “correspondia não a maneira como antropológicamente ela existe e se reproduz na vida real, mas à tipologia de opostos que uma análise preestabelecida a serviço de um tipo de projeto constituía segundo a direção de seus interesses” (p. 111).

Essa crítica não invalida trabalhar com tais tipologias de cultura. Contudo, o autor chama a atenção para não

desvincular as classificações dos tipos de cultura da análise dos processos de produção de cada uma delas e das razões de sua posição no sistema que a teoria constrói (p. 114). Por si só e em seus opostos elas não explicam como a “desigualdade no trabalho entre os homens se reproduz – de modo direto e nem mecânico – desigualdades e diferenças de saber e pensar”. Também, ajuda a “rever o simplismo que consiste em imaginar que ações culturais diretas ou agenciadas – como as de uma educação popular conscientizadora – eliminam da cultura do povo as idéias, valores, símbolos e memórias impostos por uma cultura dominante, *de elite*, e realizam a alquimia através da qual, livre do que não é seu e lhe foi imposto, da cultura do povo emerge a pura cultura popular”. (p. 113-114).

Para concluir a discussão do papel da cultura popular na transformação da estrutura e a incidência da transformação da estrutura na cultura popular pode-se destacar uma citação feita por Brandão que tem por referência o Centro de Cultura Popular de Belo Horizonte: “Dialeticamente estão ligadas as duas reflexões: o papel da cultura popular como instrumento de transformação de estrutura, e a transformação de estrutura como instrumento que propicia condições à elaboração de uma cultura autêntica e livre.” (p. 61).

Pesquisa participante

Brandão não aborda a pesquisa participante através de uma discussão epistemológica, mas sobre o lugar e o

sentido da cultura e do saber no trabalho dos educadores e cientistas sociais. Esta leitura, de algum modo, aproxima os fundamentos da pesquisa participante das pessoas que a realizam e do próprio campo de sua realização. Algumas reflexões feitas pelo autor dão conta dessas questões: “O educador popular defronta-se com diferentes modalidades de poder que existem tanto sobre quanto nas suas práticas de ação [...]. Recriar junto com e com os grupos populares um novo saber, onde o lugar da pesquisa ajude a criar a possibilidade de uma nova ciência.” (p. 103). Isso desafia a repensar a “produção, do controle e da circulação e do destino dos usos do seu próprio saber, isto é, o do cientista militante a quem toca subverter, entre outros, o sentido da ciência.” (p. 104).

O autor faz uma crítica à pretensa neutralidade da ciência. A respeito, diz que “a ciência não é absolutamente neutra, assim como a pesquisa não é um ato honrado dirigido à pura invenção da verdade, ma um fino instrumento de descoberta e acumulação de saber competente e correspondente.” (p. 105).

Compreendendo a pesquisa participante como um “tipo de trabalho científico e pedagógico com e sobre o saber, que deseja participar da dinâmica de transformação da cultura” (p. 106), Brandão defende que se “torna legítima a alternativa de transformação das ciências que, no curso desta, fazem parte daquela. Tornam legítima a denúncia de seus serviços à causa da dominação e, por consequência, anunciam a legitimidade necessária de seu compromisso com uma *causa popular*.” (p. 129 - grifo do autor). É na perspectiva da constru-

ção de um instrumento de poder popular que a pesquisa participante deve ser vinculada à cultura popular e ao movimento de cultura popular.

Olhar o mundo e ver a criança

Inicia-se este quarto item da resenha com a observação/crítica feita por Brandão sobre a antropologia como uma ciência que historicamente privilegiou o mundo dos adultos. Uma condição para que isso não aconteça é que a antropologia se “volte aos processos culturais da socialização. Que deveria estudar a fundo tudo o que acontece nas diferentes situações sociais de *endo* e de *exotransmissão*, durante a circulação de sentidos e de significados de teor propriamente pedagógico”. (p. 143). Ressalva-se que isso aconteça na multiplicidade de olhares e na inter-relação entre as áreas do conhecimento.

A escola, como um dos espaços de realização da educação, passa também a ser um dos “objetos” de pesquisa da antropologia. Sobre isso, parece que a crítica acima ganha mais sentido: “Durante largos anos a antropologia deixou na penumbra quase tudo o que tem a ver com as estruturas e relações de reprodução do saber através da socialização escolar das crianças e de jovens. Isto é, a educação.” (p. 146). Por sua vez, noutra direção, “o educador descobriu as abordagens de estilo antropológico. Descobriu as abordagens fundadoras ou derivadas do interacionalismo simbólico na sociologia do cotidiano”. (p. 147). Esta descoberta resulta, entre outras coisas,

num número grande e crescente de pesquisas. Ainda de acordo com Brandão, “aos poucos o *mundo da educação* se revela na sua inteireza humana, isto é, cultural.” (p. 149 - grifos do autor). Explicita ainda que está propondo “uma espécie de passagem do *cotidiano da escola* para a *educação do cotidiano*”. (p. 156 - grifos do autor). Isso implica não apenas conhecer o “mundo da criança, mas a vida da criança e do adolescente em seu mundo de cultura”. (p. 185).

A seguir são apresentadas algumas frases extraídas da obra de Brandão que dizem respeito às relações entre adultos e crianças: “A criança é um ser de relação, um sujeito interativo” (p. 195-196); “Temos um conhecimento ainda tão pequeno do que são as crianças e de como vivem propriamente nas suas culturas que inventam e criam dentro daquela que é nossa e oferecemos e impomos a elas (p. 196); “As crianças estão sempre em busca de estreitar os laços com suas consórcias mais próximas: as outras crianças” (p. 198); “As relações produtivas de aprendizagem não ocorrem somente na escola” (p. 199); “É difícil aos adultos compreenderem que na ordem das coisas, das palavras e dos gestos, *bagunça* e *algazarra* são apenas maneiras infantis e adolescentes criativas de dar ao mundo uma outra ordem” (p. 201). É preciso não descontextualizar essas frases, mas buscar o sentido atribuído pelo autor à maneira de ver a criança. Brandão lembra que olhar a criança não é um ato espontaneísta, mesmo sendo necessária a espontaneidade. O que está propondo diz respeito à inter-relação entre áreas do conhecimento.

Últimas palavras

Brandão, ao abordar as experiências de trabalho popular na década de 1960, o faz sob um viés bastante crítico. Ele problematiza vários temas vinculados à cultura e formula importantes questionamentos. É nesse sentido que este livro, como foi expresso nas suas páginas iniciais, busca mais refletir do que apresentar respostas. Esta opção metodológica, embora não só de método, pode contribuir fundamentalmente para uma leitura crítica das experiências de trabalho popular realizadas pelos movimentos sociais populares (MSP), bem como introduzir essas experiências no âmbito da educação formal. Nessa perspectiva, é relevante a contribuição dos movimentos sociais populares em relação à metodologia de educação popular.

Esta obra é uma preciosa contribuição aos educadores, antropólogos e outros profissionais. No entanto, é estudo obrigatório para as pessoas que direta ou indiretamente contribuem e realizam experiências de educação popular. Após 24 anos do lançamento, a obra ainda mantém uma grande atualidade.

Notas

- ² Aqui compreendido genericamente como classe trabalhadora.
- ³ Os capítulos 7 capítulos são assim denominados: 1) Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver; 2) A descoberta da cultura na educação: cultura popular no Brasil dos anos 1960; 3) O sentido do saber; 4) Sobre teias e tramas de aprender e ensinar; 5) A criança que cria: conhecer o seu mundo; 6) Olhar o mundo, ver a criança; 7) Diálogos com o outro.
- ⁴ Foram priorizadas algumas reflexões em detrimento de outras.